



3 e 4 de dezembro

III Encontro

de Educação, Direitos Humanos,
Gênero e Sexualidade

PODE A QUÍMICA SER LÉSBICA OU UMA LÉSBICA QUÍMICA? narrativa autobiográfica de uma professora em formação na Licenciatura em Química

Maria Júlia Silva Batista
Franklin Kaic Dutra-Pereira

Narrar para existir!

Neste resumo, nossa aposta está na potência da escrita autobiográfica, com inspiração nos escritos de Passeggi (2008), Nóvoa (2010) e Josso (2010). Entendemos que este movimento qualitativo, percorre pelas veias das pesquisas em Educação, sobretudo, na Educação Química, a qual temos como propositura nos emaranhar nos contextos em que os corpos são desafiados a se fazer presente, principalmente, aqueles são jogados à própria sorte no curso de Licenciatura em Química (Dutra-Pereira, 2025). Conforme aposta Dutra-Pereira (2025) é preciso, em tempos que impera a barbárie o neoconservadorismo, uma educação química fora do armário.

As narrativas de histórias de vida de sujeitos/as à margem cumprem um papel fundamental na humanização e na inclusão nos cursos de licenciatura. Ao (com)partilharem experiências, desafios e conquistas, esses sujeitos elaboram perspectivas frequentemente marginalizadas, inclusive nos próprios cursos que escolheram cursar. Suas trajetórias evidenciam as contradições que atravessam a universidade, espaço que, embora deva ser lugar de acolhimento e valorização da vida, muitas vezes reproduz lógicas de exclusão. Essas narrativas tensionam os limites do pertencimento institucional e tornam visíveis desigualdades que seguem operando mesmo no interior do ensino superior. Nesse sentido, tornam-se dispositivos para a construção e a valorização da ciência e da vida, sobretudo quando inseridas em processos formativos que reconhecem a diversidade e propõem práticas educativas sensíveis e éticas. [...] No caso específico da Licenciatura em Química, ainda é necessário ampliar o debate em torno das subjetividades e das diferentes formas de aprender e ensinar e formar docentes que possam e estejam com formação para ampliar e valorizar vozes subalternizadas pelos sujeitos à margem. Muitas dessas narrativas permanecem silenciadas, sobretudo no contexto do Nordeste, onde sujeitos/as à margem buscam no ensino superior a possibilidade de reexistência e afirmação de suas vidas. (Dutra-Pereira, 2025, p. 2-3).

Aprendemos com tantas feministas que quando uma mulher se reafirma nesta sociedade patriarcal ela movimenta o mundo. Então, quando uma mulher lésbica confronta o machismo que impera na Química, além de movimentar o mundo, ela abre uma fenda e escancara as portas que um dia ousaram fechar. Aproveitamos assim, neste relato para, mais

uma vez, confrontar a Química, e todo alicerce patriarcal que foi construído, mas hoje desestabilizamos, porque se tem uma coisa que nós vamos fazer, é assaltar a química e a torná-la lésbica, afinal, “nós vamos sorrir” francamente e com orgulho (Dutra-Pereira, 2025a).

Mulher lésbica e graduanda no curso de Licenciatura em Química no Campus I da Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa - PB. Sempre flertei com a diversidade, meu contato com esse espaço, mesmo que tardio, me trouxe a parte de mim que estava faltando, aquilo que intrinsecamente eu sentia que precisava ser preenchido. Minha trajetória na universidade tem sido marcada pela busca constante entre manter minha autenticidade e navegar em espaços que ainda resistem à diversidade.

Desde criança, sempre fui extremamente curiosa. Adorava perguntar sobre tudo e me encantava observando os diversos fenômenos ao meu redor. No ensino médio, essa curiosidade se intensificou, especialmente em relação às áreas da natureza, sendo Biologia e Química minhas disciplinas favoritas. Ao pensar sobre qual caminho seguir na graduação, pareceu-me natural adentrar nessas áreas que tanto me fascinavam.

Ao ingressar no curso, meu coração estava repleto de expectativas sobre essa nova fase. Entretanto, o primeiro baque veio rapidamente: percebi que minha aparência e identidade poderiam não se encaixar nas expectativas tradicionais do que se espera de uma professora de Química. Cabelo raspado e platinado, calças largas, piercings, nada disso faz parte do retrato convencional de uma docente. Diante desse cenário, a pergunta que me acompanhava constantemente era: como conseguir continuar nesse caminho sem perder minha identidade?

Meu maior desafio sempre foi encontrar meu espaço em meio a tantas pessoas e estruturas heteronormativas. É notório que, dentro dos centros de exatas de modo geral, a diversidade ainda não transita livremente. A área da Química, em particular, permanece sendo um curso extremamente masculino, onde não se espera encontrar docentes com diversidade de gênero e muito menos com aparência disruptiva daquela tradicionalmente esperada. O sentimento de pressão para me adequar, para vestir algo que não faz parte de quem sou, era constante.

O divisor de águas na minha trajetória veio quando conheci os núcleos e coletivos dentro da UFPB. Encontrar espaços onde pudesse compartilhar minhas experiências e me conectar com outras pessoas que também questionaram esses padrões foi transformador. Foi através dessas vivências que comecei a entender que todo aquele modelo rígido sobre como uma professora deve se vestir e se comportar já não precisava mais ser minha preocupação, ou pelo menos, não deveria ditar minha permanência na profissão.

A participação no coletivo de pesquisa “Com-Fabulações: ateliê de pesquisas inventivas em Educação” (CNPq-UFPB), *Com Ciência Feminista* (UFPB), são particularmente significativos para a minha experiência enquanto discente. Ali, pude me conectar com outros licenciandos, pesquisadores, doutores e desconstruir, coletivamente, a visão limitada que a sociedade impõe sobre o que deve compor um professor. Essas experiências ampliaram minha perspectiva sobre as possibilidades de ser docente mantendo-me fiel à minha identidade.

Já dentro da universidade, identifiquei grande afinidade com a área da educação. Foi em projetos como o *PROLICEN* que tive minhas primeiras experiências em sala de aula e pude compreender o quanto a docência pode ser desafiadora, mas simultaneamente gratificante. Nessas vivências, descobri algo fundamental: ao entrar na sala de aula, consigo me conectar com os alunos de forma genuína. Não sou vista como alguém distante, passível apenas de punilos se saírem da linha, mas sim como alguém que pode conversar de igual para igual. Essa perspectiva de educação me parece mais acolhedora e conectada, e essa conexão faz toda a diferença no processo educacional.

Particularmente, em diversas situações ao longo do curso, me vi "fora da caixa". Como alguém como eu poderia passar em Cálculo, onde os homens pareciam não ter dificuldade alguma? Em muitos momentos me senti frágil, e foi difícil tentar me adequar a esses espaços. Espero que em um futuro não muito distante possamos ver com facilidade a diversidade também nesses ambientes. Que disciplinas como Cálculo, por exemplo, não sejam predominantemente masculinas e que não seja natural apenas que homens ocupem esses espaços, mas que pessoas com características tão diversas quanto as minhas também possam estar ali sem que isso seja impensável.

Estar presente no curso de Química como mulher e lésbica já representa, por si só, um avanço significativo em um ambiente historicamente masculino e conservador. Reconheço que minha presença, assim como a de outras pessoas que desafiam as normas cisheteronormativas compulsórias estabelecidas, contribui para ampliar as possibilidades de representação na área científica e educacional.

Com minhas observações e vivências, percebi que estudar a diversidade no âmbito educacional era uma alternativa em meio a tantas pressões. Compreendi que eu poderia trabalhar a diversidade dentro de núcleos ainda majoritariamente masculinos e que isso seria o começo de algo transformador. Que não precisaria ser uma escolha entre ser professora ou lésbica, mas que a diversidade poderia sim estar conectada com a educação. Mais do que isso: essa conexão poderia ajudar muitos jovens a enfrentar essa fase de redescoberta de si, e isso

viria de onde eles menos esperavam, de uma disciplina que por tanto tempo esteve marcada pelo machismo e conservadorismo.

Sei que, muitas vezes, minha competência será colocada à prova. Se não me visto como a sociedade espera que uma professora se vista, se tenho cabelo raspado ou piercings, ao fugir da cisheteronormatividade esperada, meu profissionalismo na escola será questionado. Por isso, núcleos sobre diversidade como aqueles dos quais participo são tão importantes. Ao passar por essas provações, precisamos enquanto discentes nos preparar para o que virá, porque virá. Precisamos estar seguros de nós mesmos e confiantes o suficiente para entender que nossas metodologias e didáticas são diferentes, e que isso faz bem não só à educação, mas à sociedade como um todo. Podemos identificar beleza no diverso, e passar isso adiante é garantir uma educação e uma sociedade mais inclusivas.

Minha trajetória tem sido construída na intersecção entre minha paixão pela Química, meu compromisso com a educação e minha insistência em permanecer autêntica. Hoje compreendo que minha identidade não é um obstáculo, mas uma perspectiva única que pode enriquecer minha prática docente e inspirar estudantes que também não se veem representados nos modelos tradicionais.

Minhas experiências servem como motivador para que, ao levar a diversidade para as escolas, eu esteja sendo fiel não só às minhas convicções, mas garantindo a diversidade que está prevista em lei. Trazer à tona projetos que relacionem a diversidade à ciência é garantir ainda mais pesquisadores, é assegurar a um público que provavelmente sofreu e sofre com a LGBTQIA+fobia o direito de fazer ciência. É poder dizer aos estudantes que sua sexualidade não os resume, que a ciência é diversa, e que, dessa forma, eles fazem toda a diferença nesses espaços.

Sigo comprometida em construir uma carreira na educação científica que seja não apenas tecnicamente sólida, mas também inclusiva e transformadora. Acredito que minha presença em sala de aula, sendo quem realmente sou, já é um ato pedagógico em si – uma mensagem silenciosa, mas poderosa, de que há espaço para todos na ciência e na educação.

Começamos com o confronto teórico da Química e convidando para se tornar lésbica. A partir desta narrativa autobiográfica, atravessada por violências simbólicas, mas com outros faróis em composição nesta vida, concluímos que a Química Lésbica ou a Lésbica Química torna ela mais representativa. Evocamos que outros corpos possam se ver nesta ciência, afinal, já aprendemos que todo o alicerce patriarcal dela é frágil. Num assopro, ou melhor num reagente que espectralmente possui diferentes cores e emissões, decai.

Por isso, é necessário berrar, para que possamos fazer da Química um espaço seguro, afinal, como no ensinou Xavier (2019), é possível uma química transviada, por isso, a nossa aposta de ampliar esse leque e fazer dela lésbica, para que outras desviantes possam saltar em diferentes camadas, em diferentes órbitas, em diferentes reações. Quais as micropolíticas e as potências deleuzianas e guattarinianas quando se cartografa uma Química lésbica?, eis a nossa aposta dos próximos passos...

REFERÊNCIAS

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. “Nós vamos sorrir. Sorriam!”: com-fabulando currículo e ciência com orgulho para mundos possíveis os quais possamos viver. *In*: RODRIGUES, Ana Cláudia da Silva; HONORATO, Rafael. (org.). **Criações docentes e reinvenções curriculares**. Curitiba: CRV, 2025a.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. Educação química fora do armário: cartografias epistolares de uma formação docente antilgbttqiapnb+fóbica. **Revista Areté | Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, v. 24, n. 38, 2025. Disponível em: <<https://formularios.uea.edu.br/index.php/arete/article/view/4236>>. Acesso em: 09 nov. 2025.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Trad. José Cláudio, Júlia Ferreira. Rev. Maria da Conceição Passeggi. 2. ed., Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

NÓVOA, António. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no projeto prosalus. *In*: NÓVOA, António; FINGER, Mathias (orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais auto-biográficos: a arte de tecer uma figura pública de si. *In*: PASSEGGI, M. Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Org.). **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente**. Natal: EDUFRN; São Paulo: PAULUS, 2008b. (Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica e Educação).

XAVIER, Allan Moreira. BERRO! Uma educação transviada em química. **Linhas Críticas**, v. 25, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/19702>. Acesso em: 9 nov. 2025.